

## CONFERÊNCIAS

### HANS STADEN E SUA ÉPOCA (\*).

#### Introdução: O Brasil e Hans Staden.

Hans Staden descobriu, para si, no ano de 1549, o País da Ordem de Santa Cruz. Todavia, o Brasil, já então independente e República, só descobriu Staden em 1892 ou, mais precisamente, em 1900, porquanto a primeira edição em português do famoso livro de viagens do homberguês, a qual se deve a Tristão de Alencar Araripe, não estava à altura de produzir efeito duradouro, em virtude da ortografia extravagante empregada pelo tradutor.

Para o jovem alemão as impressões colhidas, as experiências acumuladas e as aventuras suportadas no decurso de duas viagens significam acontecimentos inolvidáveis. O Novo Mundo constituiu para o filho de Hesse uma revelação e uma provação que nele imprimiram cunho inextinguível.

Quando, em princípios dêste século, amplas camadas do povo brasileiro, letrados, sábios e gente simples, tiveram diante dos olhos, pela vez primeira em sua língua materna, a narração das viagens do prisioneiro de Ubatuba, o aguardado, despretencioso livro de aventuras, ou seja a exposição de atos heróicos mais ou menos verídicos, como se presumia, se converteu para êles em documentário de valor inapreciável. Efetivamente, estava ali uma fonte original, extraordinariamente viva e real, um painel da vida e dos hábitos dos aborígenes, como, aliás, não se podia imaginar mais expressivo, mais imediato e menos patético. Empalideceu, então, a imagem que se tinha de Hans Staden, como um lansquenete honrado, porém rude, de um viandante grosseiro e sem instrução, de um aven-

(\*) — Conferência pronunciada no Salão Nobre da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, sob os auspícios da Sociedade de Estudos Históricos de São Paulo, em 29 de outubro de 1959 (*Nota da Redação*).

tureiro ávido de sempre novas impressões. E revelou-se ao leitor espantado e admirado outro Staden: o observador incorruptível, o narrador escrupuloso, o espírito superior, o cronista merecedor de crédito que não descambava para exageros fantásticos e bombásticos, como tantos aventureiros e viajantes, esforçando-se, pelo contrário, honestamente, por servir, de plena consciência, unicamente a verdade.

O Brasil, que tão tardiamente descobriu para si Hans Staden, empenha-se no sentido de resgatar uma dívida de gratidão. Assim é que no transcurso de sessenta anos surgiram então aqui quinze edições do notável livro, outras encontrando-se em vias de preparação. Eis um fato admirável para o Brasil que dificilmente há de ter dado semelhante divulgação a outra tradução e talvez mesmo a pouquíssimas obras de escritores nacionais, exceção feita de compêndios escolares.

Staden não foi apenas lido por jovens sequiosos de histórias de aventuras, nem constituiu apenas a leitura de burgueses bonachões que, para sentirem agradáveis arrepios, mergulhassem nos excitantes acontecimentos narrados pelo artilheiro de Bertioga, de vez que o relato d'êste passou a constituir objeto de estudos aprofundados por parte de cientistas sóbrios, tanto de etnólogos e etnógrafos, de botânicos e zoólogos, de geógrafos e cartógrafos, como ainda de historiadores e de filólogos.

A primeira descrição do Brasil surgida, em forma de livro, no ano de 1557, passou então a ser a primeira apenas do ponto de vista cronológico. O modesto homem, porém, tinha caído, pouco a pouco, no olvido em sua terra natal, onde chegara a despertar enorme sensação, graças ao que lhe sucedera no Brasil. Sômente nos dias de hoje êle tornou a ser objeto de maior atenção. Para seus compatriotas êle continua, entretanto, a ser o viajante, cuja narrativa, indubitavelmente por causa de seu conteúdo repleto de aventuras, encontrou e ainda encontra larga divulgação; não figura êle, todavia, entre os grandes viajantes exploradores. Staden ficou a dever, durante 350 anos, sua celebridade aos seus leitores europeus, que mantiveram viva a sua memória através de sucessivas edições do seu livro em alemão, holandês, latim, francês e inglês. Quando o Brasil finalmente descobriu Staden, de quem tinha conhecimento apenas por via de escassas referências superficiais contidas em algumas obras históricas, o valor do hessense começou a ascender, passando o simples lansquenete a ser o clássico de uma nação jovem no limiar de um futuro grandioso.

Ao se disporem instituições e cientistas brasileiros a trazer a lume os escritos mais importantes esquecidos ou jamais impressos relativos aos primórdios da história do seu país e ao surgirem em letra de fôrma os trabalhos de Gandavo, Léry, Thévet, Soares e Frei Vicente, bem como as epístolas e outros manuscritos dos grandes pioneiros entre os jesuítas, não foi deixado à margem Staden que não tardou em suplantar, quanto ao efeito, todos os autores ora citados, segundo patenteia o considerável número de edições do seu livro.

Uma série de Estados brasileiros sente-se particularmente reconhecida ao famoso alemão, pois o livro de Staden foi o primeiro a mencioná-los.

Pernambuco e Paraíba agradecem-lhe notícias sôbre acontecimentos ocorridos em suas jovens comunas no ano de 1549. Santa Catarina e Paraná encontram nos apontamentos de Staden pormenores relativamente a antigas colônias estabelecidas pelos espanhóis. A São Paulo o bravo soldado serviu, por longo tempo, no pôsto de comandante do baluarte avançado de Bertioga. Em Angra dos Reis, na região do atual Estado do Rio de Janeiro, êle viveu durante nove meses, como prisioneiro dos tupinambás, na taba Ubatuba. E foi, finalmente, na baía da Guanabara, bem um decênio antes daí ser fundada pelos portugueses a “mui leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro”, que Staden recuperou a liberdade, regressando, então, à sua Pátria.

### **A significação de Staden.**

Êsse Hans Staden foi, realmente, uma figura curiosa, singular.

Admirado por etnólogos e etnógrafos, sem haver sido viajante explorador ou cientista; apreciado por geógrafos, botânicos e zoólogos, sem jamais haver gozado de instrução escolar superior; consultado por historiadores e cartógrafos, sem que tivesse estado familiarizado com os seus respectivos domínios do saber; lido, com entusiasmo, por jovens e velhos, sem haver pertencido a qualquer linhagem de escritores profissionais. Eis quão polifacetado se nos revela o autor de um livro que, nestes últimos 50 anos, ou seja quase 350 anos após sua morte, registrou ainda 52 edições, das quais, como dizemos, 15 sòmente no Brasil. Trata-se, efetivamente, de um caso extraordinário. A narração de Staden transmitiu ao Ocidente, pela primeira vez em forma de livro, dados e informações acêrca do Brasil. Assim o nome de Staden se ligou estreitamente, como

assinalamos, aos primórdios da história da Paraíba e de Pernambuco, do Rio de Janeiro e de São Paulo, do Paraná e de Santa Catarina.

Eis as palavras com que o historiador teuto-brasileiro, Dr. C. H. Oberacker salientou, de modo particularmente feliz, a significação de Staden:

“Com uma visão penetrante, excepcionalmente realista, de feição amena e quase modernamente científica, observou Hans Staden o estranho mundo, animais e gentes que nele se ambientavam, maximé os índios brasileiros que demoram entre São Vicente e Rio de Janeiro na época do seu cativo. Sua obra constitui o mais antigo e mais seguro relato dos usos e costumes das populações primitivas do Brasil, oferecendo, assim, valiosíssimo subsídio à etnografia do país. O rude lansquenete transformou-se, desse geito, em precursor de um Carlos von Martius, de um Carlos von den Steinen e de um Koch-Gruenberg. A **História Verdadeira** não é apenas manancial etnológico incedível sobre os habitantes costeiros, há muito exterminados, que não tem similar em língua portuguesa, como encerra, outrossim, observações apreciáveis a respeito da terra, fauna e flora, como ainda importantes indicações sobre o desenvolvimento histórico do país no século XVI”.

E o famoso escritor Monteiro Lobato empregou, em louvor do alemão, expressões dificilmente de serem imaginadas mais honrosas:

“Não há documento mais precioso relativo à terra brasileira em seus primórdios do que as memórias de Hans Staden... Obra de valor inestimável que devia andar no conhecimento de todos brasileiros... uma obra que até nas escolas devia entrar, pois nenhuma daria melhor aos nossos meninos a sensação do Brasil menino”.

### O Ocidente em 1500.

A época de Staden, lá pela proximidade de 1500, foi, como poucas anteriores ou posteriores, assaz fecunda em idéias, anseios e ações. Foi, essencialmente, uma época revolucionária. Os movimentos que tentavam provocar uma alteração na ordem dominante tinham sua origem tanto no seio do povo, como nas camadas da burguesia, como, ainda, embora por diferentes motivos e com outros objetivos nas esferas políticas e intelectuais. Tais movimentos eram de natureza de ordem social, econômica e religiosa. Ocorriam, paralelamente — não em últi-

mo plano como fruto de novas correntes espirituais e científicas do século precedente — impetuosas modificações no panorama geográfico do mundo e assinaladas transmutações políticas, econômicas e sociais daí decorrentes. O modo de vida, o mundo de idéias e as atitudes mentais, desde o camponês simples e submisso até o regente, sofreram influências profundas no transcurso de poucos decênios. Era a época em que, após a invenção da imprensa, a palavra escrita não mais se restringia a um círculo limitado, para converter-se, em forma de folhetos e livros, em veiculador de novas idéias; era a época das agitações sociais que não cessavam de lançar suas labaredas; era a época das revoltas promovidas pelas massas privadas de liberdade que padeciam sob rigorosa opressão; era, na Alemanha, o século dos levantamentos dos camponeses; era também a época em que a nobreza cavaleira perdeu, para sempre, simultâneamente com a ruína de seus castelos-fortalezas, sua posição dominadora; era, entretanto, igualmente a época do início da predominância do Estado, do surgimento do moderno sistema monetário e bancário e do capitalismo, bem como a época dos grandes movimentos espirituais e religiosos: A Renascença e o Humanismo atingem sua culminância, sendo que, na Alemanha, o Humanismo se tornou o precursor espiritual da renovação religiosa e eclesiástica do Ocidente: a Reforma.

A mesma época testemunhou também a transformação do panorama geográfico mundial, obrigando ao abandono ou a revisão de não poucas doutrinas dogmático-teológicas e de preceitos das ciências naturais. Os grandes descobrimentos ultramarinos fascinaram o Ocidente.

A exploração da costa ocidental africana, a volta em tórno do Cabo da Boa Esperança, o descobrimento da América, a descoberta do roteiro para a Índia, a conquista do México e do Perú, bem como o descobrimento e a exploração da costa oriental sul-americana e a passagem para o Oceano Pacífico — graças à descoberta do estreito de Magalhães — coincidem com essa época e trouxeram, conseqüentemente, para o comércio, o transporte e as comunicações, transformações nos respectivos centros de gravidade e diretrizes, cujo efeito se acentuou gradativamente. A Alemanha como centro europeu, havia sido, até ali, bem como o norte da Itália, o grande empório distribuidor e a vasta região de trânsito de mercadorias procedentes de todos os pontos do mundo de então. Ali cruzavam-se as vias comerciais do sul e do norte, de leste e do oeste. A Hansa cuidava, dominando-o, do intercâmbio com a Inglaterra.

ra, a Noruega e extensas regiões da Rússia, ao passo que os grossos mercadores das grandes cidades ao sul da Alemanha mantinham, por intermédio de suas feitorias nos portos do Mediterrâneo, ligações que se estendiam até à Asia Menor e ao Egito.

Em virtude da avançada dos turcos através da península balcânica e das conseqüentes complicações bélicas, houve sensível paralisação no comércio com o Oriente Próximo. As tão apreciadas especiarias da longínqua Índia haviam se tornado preciosidades cada vez mais procuradas na Europa. A abertura da via marítima em direção ao país das maravilhas, bem como as descobertas africanas e sobretudo americanas fizeram empalidecer a significação dos portos do Mediterrâneo. As cidades marítimas ibéricas e, notadamente, os portos neerlandeses e flamengos passaram a desempenhar o papel de vastos empórios e entrepostos distribuidores, acontecimento êste que atingiu seriamente muitos mercadores teutos e muitos centros comerciais da Alemanha. O comércio, o transporte e as comunicações tiveram de adaptar-se à nova situação. Os grandes negociantes trataram então de estabelecer feitorias na Holanda e em Flandres, bem como em Portugal e na Espanha. Êstes dois últimos países começaram, dali em diante, a prender, cada vez mais, o pensamento da gente centro-européia. Estreitaram-se as relações com os mesmos. Muitos indivíduos do centro e do sul da Alemanha puseram-se a caminho rumo a Portugal. Não eram apenas comerciantes, mas também artesãos e militares, cientistas e artistas. E já nos primeiros decênios após o descobrimento, alemães se dirigiam para as possessões americanas dos portuguêses e espanhóis. Tinha-se notícia dos fabulosos tesouros de ouro e de prata existentes no México e no Perú; ouvia-se, horrorizado, falar em monstros antropófagos que seriam encontrados em terras brasílicas, possessão de el-rei de Portugal. Havia, talvez, também oportunidade de admirar um papagaio ou um macaco vindos, em quantidade crescente, do Novo Mundo, quase se convertendo em assunto de moda. Tomava-se, com prazer, conhecimento da abundante existência do precioso campeche, o pau brasil, e do fato de ali também já estar sendo produzido açúcar, de cujo gôzo, entretanto, a grande massa tinha de privar-se.

Mesmo as pessoas que sabiam ler não tinham possibilidade alguma de vir a saber algo de mais positivo a respeito do Novo Mundo. No ano de 1497 o leitor alemão recebeu notícia sôbre o teor das cartas de Colombo; em 1504-1505 veio a lume a descrição de viagem de Vespúcio; em 1515 publicou-se a cópia da

**Newen Zeytung aus Pressilg-Landt** ou **A Nova Gazeta da Terra do Brasil**; e em 1550 apareceu uma tradução alemã dos relatórios de Cortez.

Surgiu, porém, “pelo Carnaval de 1557” (**uff Fastnacht**), ou seja a 2 de março, um livro editado em Marburgo, na “Fôlha de Trevo” de Andreas Kolben, ostentando um título ao gôsto dos contemporâneos: **História e descrição verdadeiras de um país de selvícolas nus, gente feroz antropófaga, situado no Novo Mundo América**, escrito por Hans Staden, de Homberg, Hessen, obra predestinada a registrar quatro edições no próprio ano de sua aparição. Compreende-se êsse notável sucesso, pois era a primeira vez que se ofereciam a um círculo de leitores mais dilatado dados exatos sôbre indígenas sul-americanos e seus usos e costumes, seu modo de viver e propriedades características, sua conduta em tempo de guerra e na paz, sua alimentação vegetal e animal, seus utensílios e armas. O escrito continha, além disso, muitos pormenores atraentes sôbre o país, suas baías, habitantes, plantas e animais, bem como a descrição de várias viagens por terra e por mar. Todavia, o que mais fascinou os leitores foi, sem dúvida alguma, a sorte pessoal do autor do livro, ou seja seu cativo, durante nove meses, no meio dos selvagens, e, finalmente, sua salvação.

A descrição era simples, despida de quaisquer acessórios bombásticos e fantásticos, como, aliás, era do feitio de narradores de viagens daquela éra. Pelo contrário, percebia-se, em cada sentença, esforço no sentido da exatidão, da realidade, da fidelidade, do desêjo de aproximar dos olhos do leitor, o quanto mais objetivamente possível, o que o autor havia visto e experimentado, sem se referir, contudo, à própria pessoa, a não ser onde isso se tornava absolutamente indispensável. Êsse escrúpulo nota-se também nas numerosas xilogravuras que ornavam o texto e que foram confeccionadas sob orientação de Staden. A obra atingiu, até aos nossos dias, 77 edições, das quais 15 em língua portuguesa e 24 em língua alemã. Nenhum outro relato do século XVI foi tão amplamente divulgado. A segurança objetiva da narração despertou a atenção dos sábios e tornou, como já tivemos oportunidade de salientar, até hoje, valioso o livro de Staden para diversos ramos da ciência e dêle fez uma das fontes mais importantes e mais antigas.

Ora, quem era êsse Hans Staden, autor do livro sôbre antropófagos?

### Origem e juventude de Staden.

Hans Staden, o viajor do Brasil, descende de bem situada família burguesa. Todavia, as fontes sôbre êle e sua família fluem, ainda hoje, como tênue filete. Se outrora se era inclinado a ver no filho de Hessen sômente um homem comum, bravo, correto e religioso, um indivíduo rude e sem instrução, isso só ocorria, visto que nem tôdas as edições da obra sôbre sua viagem traziam o prefácio de autoria do seu amigo e protetor paternal, o professor de medicina na Universidade de Marburgo, Dr. Dryander, ou então pelo fato de não haver o referido prefácio sido lido com a devida atenção. O mencionado sábio, famosíssimo em sua época, era, como o pai do autor do livro sôbre antropófagos, natural de Wetter, junto a Marburgo. Disse êle a respeito de Staden, ao redigir o prefácio em dezembro de 1556, o seguinte:

Conheci seu pai, que nasceu e foi educado na mesma cidade que eu, em Wetter, há cêrca de 50 anos, tendo dado sempre provas em sua cidade e em Homberg, em Hesse, onde ainda mora, de ser um cidadão reto, pio e valoroso, e que dispõe de boa cultura. Se a maçã, como se diz no conhecido provérbio, sabe ao tronco, pode-se esperar que o filho dêste honrado homem se assemelhe ao pai em seu valor e piedade.

A deduzir das indicações de Dryander e baseado em resultados de investigações a que se procedeu, nestes últimos anos, no torrão natal dos membros da família Staden, não há dúvida alguma de que nosso cronista é originário dos círculos da burguesia provinciana abonada. De sua caligrafia, que nos foi legada através de uma carta dirigida ao Conde von Waldeck, por ocasião do regresso de Staden do Brasil, conclui-se que êste gozou de boa instrução escolar, sem a qual dificilmente poderia abalançar-se a reproduzir por escrito as aventuras de sua viagem, nem mesmo com a benévola ajuda de Dryander.

Pode-se apenas conjecturar, quando e onde nasceu nosso herói. Êle próprio fala de si como de Hans Staden, de Homberg, cidade às margens do Efze, em Hessen. Consta que um tal Germand Staden gozava, antes de 1528, de direitos de cidadania em Homberg, os quais renunciou em 1558, tendo, entretanto, obtido os mesmos direitos em Korbach, já no ano de 1551. Dryander, nascido em 1500, escreveu em 1556, que conhecia o velho Staden "há cêrca de cinqüenta anos", por conseguinte desde sua meninice, o que permite presumir, que ambos haviam sido companheiros de infância e colegas de escola. Verdade é que a afir-



# Wahrhaftig

Historia vnd beschreibung eyner Landtschafft der Wilden / Nacketen / Guinnigen Menschfressen Leuthen / in der Newenwelt America gelegen / vor vnd nach Christi geburt im Land zu Hessen vnbeckant / bis vff dise 6. nechst vergangene jar / Da sie Hans Staden von Nomsberg auß Hessen durch sein eygne erfahrung erkant / vnd yetzo durch den truck an tag gibt.

Dedicirt dem Durchleuchtigen Hochgebomen herin / H. Philipsen Landtgraff zu Hessen / Graff zu Carzenelnbogen / Dietz / Ziegenhain vnd Lidda / seinem G. D.

Mit eyner vorrede D. Joh. Weyandts / genant Eychmans / Ordinary Professoris Medici zu Marpurgh.

Inhalt des Büchlins volget nach den Vorreden.



Gedruckt zu Marpurgh / im jar M. D. LVII.

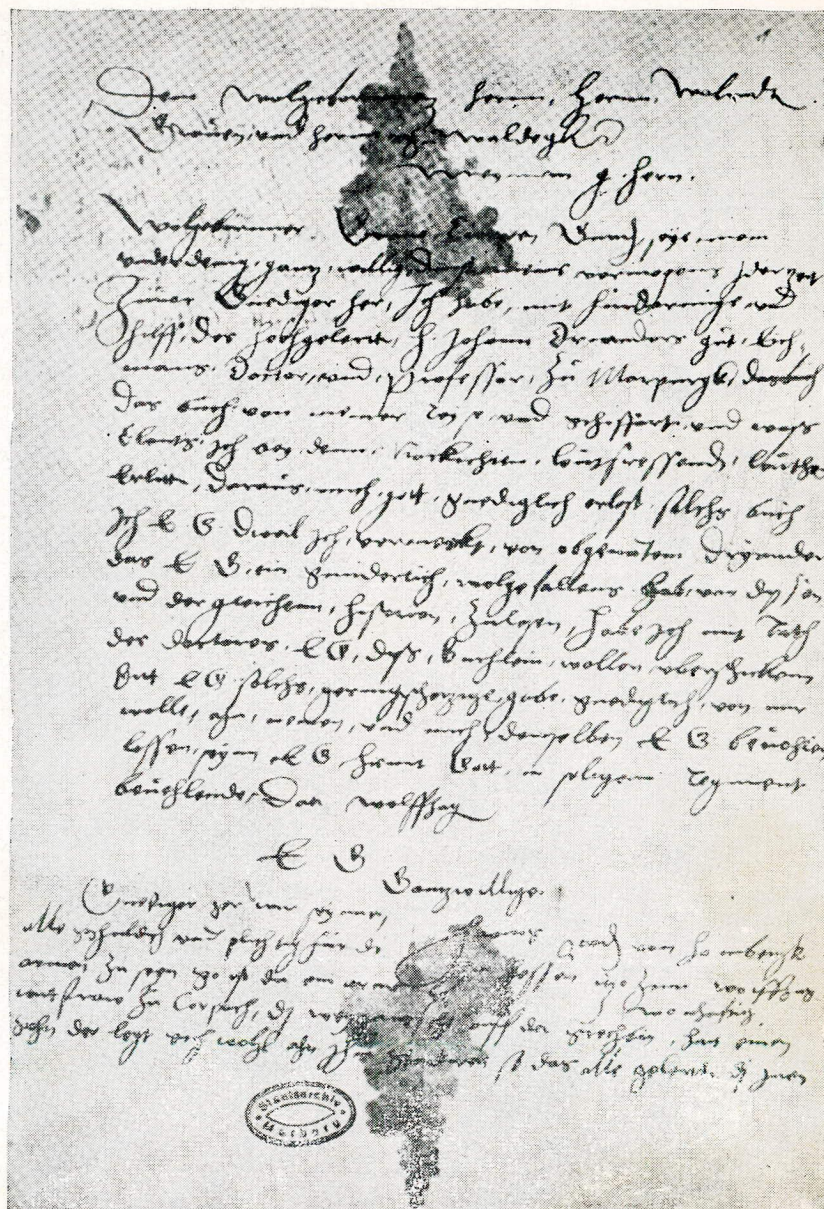


Fig. 2. — Primeira página de carta autógrafa de Staden ao Conde de Waldeck (entre 1557 e 1560).



Fig. 3. — Diálogo entre Colombo e Staden no Reino dos Mortos, 3a. edição, 1729.

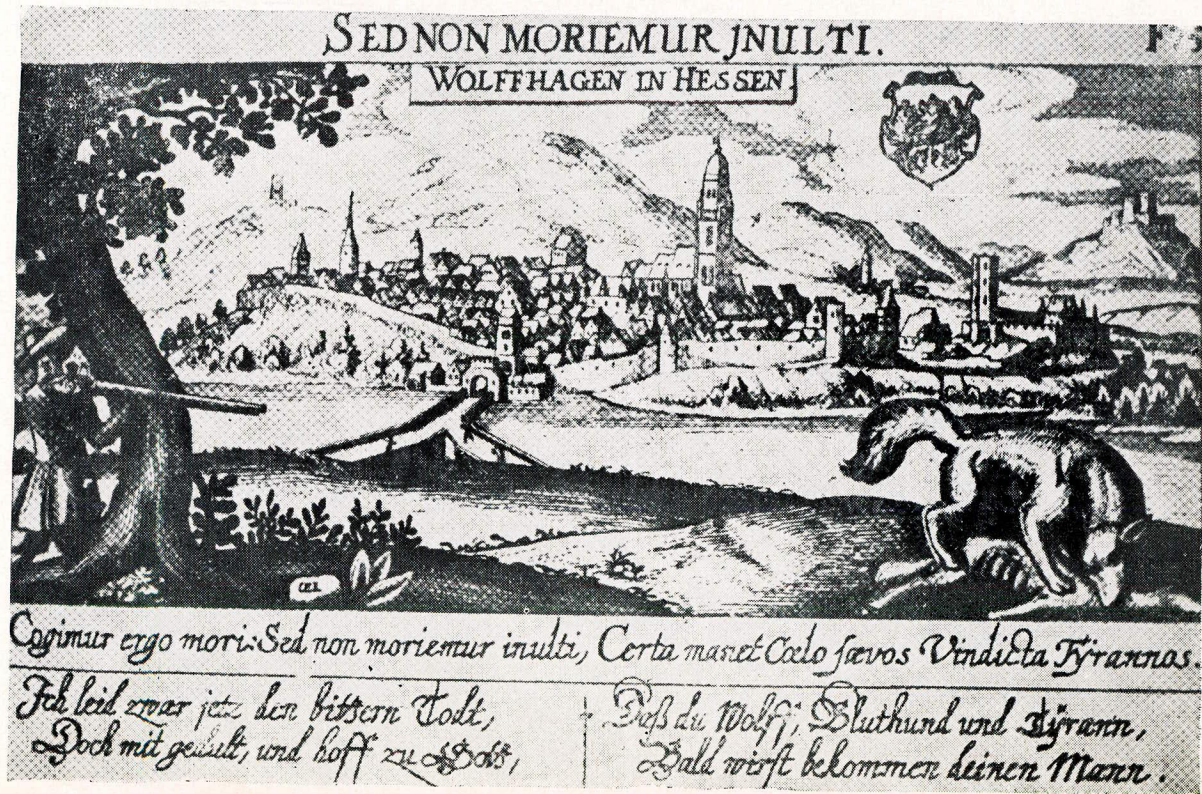


Fig. 4. — A cidade de Wolfhagen, onde Staden fixou residência ao voltar do Brasil.

mação de Dryander admite também a hipótese de haver o pai de Staden sido consideravelmente mais idoso que êle e que a familiaridade que os unia era oriunda das relações existentes entre ambas as famílias. Todavia, a indicação de que Staden-pai havia adquirido os direitos de cidadania em Homberg "anteriormente a 1528", autoriza a chegar-se, em combinação com outras reflexões, à conclusão de que o ano de nascimento do autor do primeiro livro sobre o Brasil é, "mais ou menos, o de 1525". Sua juventude, até o início de sua grande viagem, permanece em absoluta obscuridade. O fato, entretanto, de haver sido engajado, em Lisboa, imediatamente, como artilheiro, ou, melhor, como arcabuzeiro, permite, talvez, admitir como fundado o fato de haver êle prestado serviço militar em sua Pátria e tomado parte na guerra esmalcalda (1546-1547), nas fileiras do exército do landgrave Filipe de Hessen. E' provável que o infeliz desfêcho do conflito armado e suas graves conseqüências para a província de Hessen tenham induzido o jovem Staden a voltar, temporariamente, as costas à Pátria, para, como declara, "ficar conhecendo a Índia, se assim aprovesse a Deus" ..

O cenário de suas aventuras não seria, entretanto, a remota e misteriosa Índia, sim, porém, um país mais próximo, embora mais desconhecido ainda, o país do pau brasil. Verdade é que Staden tornou-se o viajor do Brasil contra a sua vontade. Não mais tendo alcançado um combóio destinado à Índia, Staden empreendeu sua primeira travessia do Oceano como artilheiro a bordo de um navio mercante enviado para as costas brasileiras com finalidade mercantil, mas que possuía, igualmente, carta franca para dar caça a embarcações que, em águas africanas e brasileiras, praticassem o contrabando. Sua segunda viagem, porém, realizar-se-ia sob o pavilhão espanhol e teria como destino o que hoje conhecemos por Argentina e Paraguai. Terminou ela, entretanto, também no Brasil, onde ocorreram as aventuras que motivaram a redação do seu relatório, "a fim de louvar e agradecer a Deus".

### **O Brasil na época de Staden.**

No decurso de nossas considerações chegamos, assim, com Staden, a um país que não possuía, então, nome definitivo. Chamado por Cabral, a princípio, de Terra de Vera Cruz, passou-se, logo, na metrópole, a denominá-lo Terra de Santa Cruz. Todavia, os apelidos Terra dos Papagaios e Terra do Brasil eram mais comuns na bôca do povo: O segundo apelido passou a ser usado, pelos fins do século XVI, em geral, também na corres-

pondência oficial. E' interessante notar, nesta conexão, que a denominação América, hoje empregada para todo o continente e pela primeira vez colocada num mapa pelo cartógrafo alemão Waldseemiller em 1507, surgiu como designação para a terra do pau brasil. Cabe-nos agora traçar uma imagem deste país, de seus habitantes e de suas condições, tal como, talvez, se tenha revelado ao visitante de então.

O fidalgo luso Cabral, ao lançar, em abril de 1500, as âncoras de sua frota na baía de Pôrto Seguro, tomando, assim, casualmente ou não, posse de um trecho de terra desconhecida, não brindou seu povo e seu rei, aparentemente, com um país rico em ouro, prata, pedras preciosas e demais tesouros. A princípio a região também não oferecia especiarias, como a Índia, nem tampouco cidades, palácios e templos maravilhosos, porém apenas florestas sombrias, cadeias de montanhas enevoadas, baías gigantescas e rios caudalosos. Os habitantes eram miseráveis selvagens nus e pagãos.

Houve grande decepção entre o povo e na côrte que pouco se importavam com a nova aquisição. Sòmente depois de se haver encontrado ali em quantidade quase que inesgotável, o preciosíssimo pau brasil, tão cobiçado na Europa; e ao se constatar, além disso, que a cana de açúcar se desenvolvia ali magnificamente, fornecendo o tão apreciado, porém — ai! — tão raro produto que as pessoas abastadas conheciam como artigo a acariciar-lhes o paladar, enquanto o comum dos homens nele via apenas um remédio; e ao se notar, que se poderia obter bons lucros também com o comércio de animais, principalmente de papagaios e macacos, o pensamento do soberano de Portugal se voltou mais vivamente para a nova colônia.

Para auferir algum proveito da nova aquisição, sem incorrer em dispêndios, o soberano luso resolveu arrendar a Terra de Santa Cruz a Fernão de Noronha e a alguns cristãos novos, sócios seus, os quais tinham por incumbência equipar, anualmente, seis navios destinados a explorar uma região de 300 milhas, e construir uma fortificação.

Os resultados eram, entretanto, poucos para ambas as partes, tanto assim que a côrte passou a franquear aos seus súditos o comércio com o Brasil. A corôa reservou para si o quinto de tôda e qualquer renda. Os primeiros trinta anos dos primórdios da história do Brasil não registraram tentativa alguma no sentido da fundação de uma colônia, nem da exploração planificada, nem da tomada de posse e administração do

país. O intercâmbio entre esta parte do Novo Mundo e a metrópole era de natureza frouxa, sendo que, após algumas viagens empreendidas por exigência da corôa, êle foi deixado nas mãos dos rendeiros do país, bem como de alguns súditos ousados. Foi apenas criada uma série de feitorias. Em cada uma delas viviam cêrca de vinte portuguezes sob as ordens de um feitor. Êsses centros de convergência de mercadorias eram modestíssimas colônias constituídas de algumas míseras cabanas cercadas de paliçadas para proteção contra ataques por parte dos indígenas. Escassíssimas eram as plantações destinadas a variar a alimentação caseira de bordo, ao que se juntavam, talvez, alguns animais domésticos a pastarem livremente. O equipamento compunha-se de armas, ferramentas e barcos para o serviço de transporte e comunicação. Nessas feitorias era armazenado, à espera dos navios, o pau brasil, com o auxílio dos nativos. Ali realizavam-se as trocas para aquisição de animais exóticos, principalmente de papagaios e símios, e ainda ali se concentravam indígenas escravos, prisionados por tribos vizinhas e amigas dos portuguezes.

Tais feitorias estendiam-se desde a Paraíba e Pernambuco até Cabo Frio e Rio de Janeiro. O aparecimento do pau brasil proveniente de regiões recém-descobertas despertou, nos mercados europeus, viva atenção entre negociantes sagazes. Os franceses, notadamente os normandos, cogitavam, com grande interêsse, de participar do comércio lucrativo, sem intermédio da corôa portugueza, e surgiram nas costas da Terra de Santa Cruz já em 1504. Suas viagens tornaram-se cada vez mais freqüentes e seu comércio tomou enorme impulso. Sabiam captar a confiança dos nativos e dispuseram-se a fundar, igualmente, feitorias. Tornaram-se, assim, inevitáveis, entre portuguezes e franceses, os choques, que ocorriam com a implacabilidade própria da época. Raramente se faziam prisioneiros; o adversário vencido era, na maioria das vêzes, passado a fio de espada. A côrte lusa percebeu que estava correndo sério risco de perder sua possessão americana. Foram, então, organizadas várias expedições punitivas que, sob o comando de Cristóvão Jaques, limpavam as costas, agindo com uma severidade sem par. A maioria das feitorias francesas foi arrasada e reduzida a cinzas no decorrer das lutas em que a sorte das armas pendia ora para um, ora para outro lado. O restante das feitorias desapareceu sob os ataques dos nativos.

Antes ainda de ser o Brasil dividido em Capitánias Hereditárias, o soberano de Portugal fêz uma derradeira tentativa no

sentido de proteger militarmente a jovem colônia e de fomentar, simultaneamente, seu povoamento. Uma importante frota comandada por Martim Afonso de Souza chegou ao Brasil em princípios de 1531, nas alturas de Pernambuco. Duas de suas caravelas avançaram até à embocadura do Gurupí, no Maranhão. Ao rumar em direção sul, Martim Afonso combateu, com sucesso, corsários franceses. Ancorou na Bahia, na baía da Guanabara e em Cananéia, dali retornando, após haver perdido o navio capitânea, para aportar em São Vicente, enquanto seu irmão prosseguia em direção ao Rio da Prata. Martim Afonso cruzou ao longo das costas brasileiras, descendo e subindo por elas durante todo um ano, antes de cuidar da segunda parte de sua missão, fundando, em 1532, no atual Estado de São Paulo, várias colônias, entre as quais a de São Vicente não tardou em atingir grande notoriedade.

Martim Afonso ainda não havia regressado à metrópole, quando seu rei tomou a resolução de dividir a colônia em capitânicas, dotando-o, entre outros, bem como seu irmão com extensas terras. A tentativa da corôa de acelerar a exploração econômica da colônia e facilitar a criação de vilas, bem como de garantir a defesa contra rivais indesejáveis, dotando, para isso, com vastas possessões no Brasil conquistadores experimentados pertencentes à pequena nobreza, deve ser julgada como frustrada em face do vulto dos respectivos objetivos. Não obstante, a tentativa resultou, embora com enorme sacrifício de sangue e de bens, em mais amplo conhecimento do país, na fundação de colônias, na introdução de várias culturas e na constituição de duas células promissoras de grande vitalidade e de auspicioso futuro que pareciam apresentar tôdas as perspectivas do surgimento de maiores comunas, enquanto tôdas as outras fundações eram destruídas completamente ou então definhavam lentamente após êxitos iniciais esperançosos, quer em consequência de condições geográficas desfavoráveis, quer em virtude de discórdias entre os colonizadores e entre êstes e seus senhores feudais, quer ainda devido a lutas impiedosas com os aborígenes.

Graças ao sacrifício de vidas e bens e ao empêno de ambição, idealismo e espírito de sacrifício de alguns fidalgos e comerciantes, bem como de colonizadores, artesãos e mercenários que confiavam naqueles, a corôa logrou atingir em parte seu objetivo: o perigo de ver o novo país resvalar, impotente e indefenso, para as mãos dos franceses havia sido afastado, ao menos provisoriamente; a colonização parecia tomar o rumo de-



sejado, apesar de todos os contragolpes; às já conhecidas riquezas da Colônia Santa Cruz, a saber, o pau brasil, animais de várias espécies e o braço escravo do índio, a lavoura açucareira veio acrescentar um produto que prometia tornar-se de enorme importância econômica para a parte de cá e a de lá.

A população de origem européia era diminuta no Brasil, por ocasião da chegada de Staden. Nas colônias havia grande número de nativos livres, já tornados amigos, e índios escravos. Poucos eram, porém, os negros empregados nos canaviais ou nos engenhos. Até então estes haviam chegado ao Brasil em número reduzido e apenas em companhia dos senhores feudais ou de colonizadores abastados. Sua vinda em número sempre crescente só se iniciou na época de Staden. Por isso era difícil encontrar mulatos, ao passo que o número de mamelucos, isto é, filhos de pai europeu e mãe indígena, já era considerável. Os costumes eram desembaraçados e rudes. A jurisprudência ainda se encontrava em seus primórdios. Cada qual dependia, em geral, de si próprio e exercia o direito do mais forte. O respeito em relação às autoridades civis e eclesiásticas era mínimo. A inclinação para gozos e prazeres materiais era, porém, grande. A vida decorria áspera e simples, sempre ameaçada. As habitações eram miseráveis e os trastes, pobres. Não havia indício algum do fausto e da suntuosidade de uma época posterior que se veio a conhecer principalmente em Pernambuco e na Bahia. Quase tôdas as utilidades dos pioneiros: ferramentas e objetos domésticos, roupa e armas, gêneros alimentícios e mesmo materiais de construção tinham de ser trazidas de Portugal, fazendo viagens longas e perigosas, sempre ameaçadas pelas fôrças da natureza e por corsários.

Esse estado de coisas apontava, portanto, imperiosamente, o caminho para a monocultura, para a lavoura dominante e posterior elaboração de uma planta de valor econômico, fazendo-se a respectiva exploração em bases amplas e mediante emprêgo de numerosos braços servis. Era a única solução para se conseguir uma exportação mais ativa, a fim de se obter, assim, recursos para artigos de importação indispensáveis. Na história primeira do Brasil a cana de açúcar e, concomitantemente, sua moagem nos engenhos tornou-se, tanto em Pernambuco como em São Vicente, a base da economia em geral.

O número de habitantes do Brasil era ainda baixo, conforme foi dado a entender. Talvez não ultrapassasse a casa dos dez mil o número de almas de origem européia, quando da chegada de Staden.

Pero de Magalhães Gandavo, humanista português de descendência flamenga, que aqui se encontrava entre 1560 e 1570 e que publicou, em 1576, a **História da Província de Santa Cruz**, primeiro liyro a tratar do Brasil na língua de Camões, revelou, em um escrito impresso sòmente no ano de 1826, porém redigido anteriormente à sua **História**, escrito êsse intitulado **Tratado da Terra do Brasil**, a existência de 3440 “vizinhos” como se dizia na época, dos quais 1000 em Pernambuco e 500 em São Vicente.

Gandavo registrou a existência de 60 engenhos. Ao encontrar-se Staden no Brasil pela segunda vez, uns 10 anos antes de Gandavo, estavam em funcionamento, provàvelmente, menos de 30, cujo rendimento mal era de 100.000 arrôbas por ano.

Eis, mais ou menos, o que veria a saber ou a constatar sôbre o Brasil o forasteiro que, como Staden, tivesse pisado o solo da Terra de Santa Cruz lá pelo ano de 1550.

#### **Staden no Brasil.**

Durante sua permanência de aproximadamente quatro anos no Brasil, o filho de Hessen passou por vicissitudes que se alternavam sucessivamente e das quais nos ocuparemos em seguida.

O burguês de Homberg chegou a Pernambuco no mês de fevereiro de 1549, a bordo de um navio mercante português. Estava então sendo assediada pela tribo dos caetés, em luta com os portugueses, a colônia Igaracú, fundada em 1535. Os recém-chegados foram logo aproveitados pelo donatário da Capitania, Duarte Coelho, que neles viu um refôrço bem-vindo para a defesa da localidade em grande abertura. Os episódios dêsse sítio foram descritos por Staden. A primeira permanência de Staden no Brasil abrangeu o espaço de apenas poucos meses, durante os quais êle esteve também nas águas costeiras da Paraíba, onde cabia travar ainda uma pelêja contra um corsário francês.

Ao encontrar-se novamente em solo europeu, Staden, partindo de Portugal, se dirigiu para a Espanha, a fim de embarcar ali, em abril de 1550, como um dos integrantes da Expedição Sanábria que tinha por destino a embocadura do Rio da Prata.

Estava predeterminado que os navios da frota se reunissem nas costas de Santa Catarina. Ocorreram, entretanto, várias circunstâncias adversas que impediram que a expedição prosseguisse a viagem. Assim escoaram dois anos de espera preenchidos com planos, até que parte dos membros da expedição,

entre os quais Staden, tentou atingir São Vicente. Os expedicionários naufragaram, porém, diante de Itanhaém e o nosso homberguês alcançou a sede da Capitania apenas com as vestes que trazia sobre o corpo. Em São Vicente teve a assistência de um conterrâneo, Heliodor Eoban Hessus, filho do professor universitário Helius Eobanus Hessus, falecido em Marburgo no ano de 1540, conhecidíssimo em sua época como “príncipe dos poetas”, hoje, porém, esquecido, homem talentoso que escrevia em latim.

O jovem Heliodoro já era conhecido de Staden na pátria, a qual, provavelmente, deixaram no mesmo ano, 1548. O filho do famoso poeta e humanista, que foi amigo dos Schetz, proprietários do engenho São Jorge dos Erasmos de São Vicente, desempenhou no Brasil, que nunca mais deixou, papel de relêvo. Guarda-livros do engenho de São João dos Adornos em São Vicente, seguiu para o Rio de Janeiro como comandante de voluntários vicentinos, para socorrer Estácio de Sá contra os franceses, destacou-se sobremaneira na conquista da Guanabara e tornou-se co-fundador da atual capital brasileira, servindo à nova comuna como escrivão da fazenda, juiz ordinário e vereador. Alguns historiadores, notadamente Ermelino de Leão, estabeleceram uma tal confusão em tôrno desta personagem que Afonso de Taunay em carta a D. Clemente Silva-Nigra declarou uma vez:

“Esta história dos Eliodoros Eobano ou Ebano é da mais obscura. Há umas lacunas, difíceis de serem preenchidas”.

Temos em preparo um extenso trabalho sobre esta figura saliente, um dos primeiros alemães a constituir família no Brasil, sendo um dos seus prováveis descendentes o ilustre historiador Dr. Carlos da Silveira.

Tal como ocorria em relação a Pernambuco, a colônia de São Vicente era alvo de freqüentes ataques por parte da tribo dos tupinambás que, inimizados com os portugueses, se mantinham do lado dos mercadores franceses que tinham seus esconderijos nas numerosas enseadas na região do Rio de Janeiro. Por ordem de el-rei fôra construído um baluarte junto à embocadura do canal de Bertioga, na Ilha de Santo Amaro, vizinho a São Vicente, para que se estivesse melhor protegido contra os assaltos dos nativos e para que pudesse ser dado alarma em devido tempo. Staden deixou-se induzir a ser o vigia desse pôsto avançado. Expirado, venturosamente, o prazo previamente ajustado, pelo qual êle se havia engajado, Staden concor-

dou em firmar novo contrato como comandante do baluarte por dois anos, o qual foi celebrado, talvez no mês de março de 1553, com o alemão, pessoalmente por Tomé de Souza, primeiro Governador Geral chegado à colônia em 1549.

Staden chegou a exercer o cargo, pela segunda vez, apenas por dez meses, visto que, ao sair, certa ocasião, foi assaltado e aprisionado pelos indígenas que o conduziram à sua taba Ubatuba que, segundo pesquisas de Wilhelm Kloster, não deve ser confundida com o atual lugar denominado Ubatuba, em São Paulo, mas localizada em terras fluminenses de Angra dos Reis. Isso ocorreu quase que na mesma época em que, no planalto de Piratininga, os jesuítas fundaram o histórico colégio para os nativos, a célula-mater da atual metrópole de São Paulo. Staden foi forçado a permanecer durante nove meses entre os índios, participando da vida dêstes e de suas expedições guerreiras e venatórias, bem como de cerimônias festivas e das obrigações diárias. Corria, entretanto, continuamente, o perigo de ser ainda tratado e morto como inimigo, sorte esta que êle logrou evitar, repetidas vêzes, de maneira admirável, até conseguir induzir os indígenas, graças a vários ardis, a deixá-lo emprender a viagem de regresso à Pátria, a bordo de um navio francês, saindo da Guanabara em 31 de outubro de 1554.

#### **Staden novamente na Pátria.**

Após sete anos de permanência no estrangeiro, Staden pisou em 1555 novamente o solo pátrio e transpôs a soleira da casa paterna em Homberg. Estava mais pobre em dinheiro e bens, rico, porém, em conhecimentos e aventuras. Estas, que foram extraordinárias, despertaram enorme sensação e tiveram mesmo que ser relatadas por êle na côrte do reinante de sua província. Cumprindo promessa feita durante o cativo e sob a orientação do amigo do seu pai, o professor Dryander, Staden iniciou logo sua descrição, terminando o respectivo prefácio já em 20 de junho de 1556. O livro surgiu, como dizemos, “pelo Carnaval de 1557”, a 2 de março, em Marburgo. Pouquíssimo se sabe a respeito do ulterior destino do nosso bravo itinerante. Em 1556 adquiriu os direitos de cidadania em Wolfhagen, junto a Cassel. No ano de 1557 aprendeu a fabricar pólvora na oficina de Hans Kampfer, em Marburgo, ofício que exerceu, segundo consta, na cidade de Wolfhagen, onde veio a constituir família e onde faleceu, tendo deixado três filhos, provavelmente, em 1576, época em que a cidade foi assolada por uma epidemia de peste.

Como vimos, são escassos os dados conhecidos ou transmitidos sobre os aspectos externos da vida de Staden. Todavia, o retrato do seu caráter apresenta-se-nos nitidamente traçado, ao lermos, com atenção, seu livro, em que, aliás involuntariamente, êle oferece a imagem de sua personalidade. Suas maneiras revelam simplicidade e retidão, como simples é sua narração que não cedeu, como já assinalamos, à tendência da época, para cair em afirmações imaginárias. Seu espírito de sacrifício natural, sua bravura, franca camaradagem e solidariedade humana transparecem de seus atos. Não teme a responsabilidade e, contudo, sabe submeter-se, agindo com reflexão e decisão. Distingue-o a serena confiança em si próprio que se firma na absoluta, inabalável fé em Deus. Conhecemos nele um espírito vivaz de imaginação fértil e dotado de um dom de observação incorruptível. Sem vaidades de autor, despido de ambição pela glorificação, êle lança mão da pena, para render graças a Deus pela sua milagrosa salvação e para legar aos pósteros uma obra de incontestável valor.

#### **Considerações finais.**

Poderia, talvez, surgir a pergunta sobre se as várias honorárias tributadas, aquém e além-Atlântico, por brasileiros e alemães, a Hans Staden e à sua obra, por motivo do quadricentésimo aniversário da publicação do seu livro de viagens, não teriam ultrapassado o significado do acontecimento; sobre se ao modesto hessense não estaria sendo conferido um papel que lhe empresta valia excessiva dentro dos limites dos fatos nacionais e da cooperação alemã no Brasil, bem como das relações de caráter cultural entre este jovem império sul-americano e o velho pedaço do coração da Europa.

Ocorre, todavia, ser hábito rememorar, de modo particular, obras e feitos que, contemplados no espaço e no tempo, constituem o ponto de partida de uma série de fatos posteriores, celebrando-os, portanto, condignamente. No caso especial do livro de Staden verifica-se não haver o autor nem esperado, nem suspeitado que sua obra viria a ter, em relação à posteridade e a muitos ramos científicos e de pesquisas brasileiros, uma importância que justifica plenamente os esforços de brasileiros e de alemães por evocarem, como tem acontecido, em atos solenes, o nome de Staden no ano de seu jubileu.

Para seus patrícios contemporâneos êsse nome possui, além disso, um sentido mais amplo: vemos nele um símbolo, a expressão de uma vontade e de uma atitude. Impõe-nos êle um

reconhecimento e um compromisso que encerram a disposição e a aspiração dos alemães radicados no Brasil de colaborarem, sincera e honestamente, na grandeza e no progresso do País, Pátria dos seus descendentes. O nome Staden patenteia a vontade de colocar ao serviço do País hospedeiro a aspiração justa de prosperidade econômica individual. Empenhar-nos-emos, por conseguinte, nós teutões, no sentido de aplicar, com prazer e obedientes a ditames do coração, tôda nossa energia laboriosa e tôda nossa capacidade produtiva, em quaisquer setores da atividade humana, em prol do Brasil, como, aliás, o fizeram, nos séculos anteriores, muitos dos nossos patrícios. Foram clérigos, artesãos, engenheiros, oficiais e soldados na era colonial; foram lavradores, exploradores, cientistas e comerciantes nos dias do Império e agora na República. Todos êstes cooperadores acham-se representados pelo nome Staden, o iniciador das agora seculares relações de intercâmbio e colaboração.

As múltiplas homenagens prestadas a Staden em 1957 por parte dos brasileiros podem ser interpretadas, por nós alemães, certamente, como reflexo dos nossos esforços, como aprovação e reconhecimento de nossa contribuição, como incentivo e expressão do desêjo do povo brasileiro pela consolidação de todos os esforços que visem um entendimento melhor entre os povos e o desenvolvimento das respectivas relações culturais e econômicas.

Evocando hoje a figura de Hans Staden, seja-me permitido, ao concluir, manifestar o desêjo e a esperança, por sem dúvida compartilhados por todos os brasileiros e alemães, de que o atamento de novos liames originados por estas celebrações e de que os contactos humanos renovados sejam duradouros e contribuam, futuro além, para o aprofundamento cada vez maior da já secular amizade, consolidando a cooperação sincera e cordial no terreno da cultura em geral.

#### **HELMUT ANDRÄ**

do Instituto Hans Staden (São Paulo).

\*

#### **FONTES.**

- ANDRÄ (Helmut).** — **Hans Staden, Leben und Bedeutung.** In: Deutsche Nachrichten, São Paulo, 1957.  
**BEGRICH (Martin).** — **Die Frömmigkeit Hans Stadens.** In: Deutsche Evangelische Blätter für Brasilien, São Leopoldo, N.ºs 10-12, 1937.

- CARVALHO FRANCO (Francisco de Assis). — **Introdução e notas à edição brasileira de Hans Staden, Duas Viagens ao Brasil**, São Paulo, 1942.
- FOUQUET (Carlos). — **O Cêrco de Igaracú 1549. Determinação de uma data histórica e um subsídio para a formação de lendas**. São Paulo, 1943.
- **Bibliografia da “Verdadeira História” de Hans Staden**. In: Boletim Bibliográfico, N.º 4, pgs. 7-31, São Paulo, Departamento de Cultura, 1944.
- **Hans Staden und sein Reisewerk**. In: Staden-Jahrbuch, Vol. 5, pgs. 17-21, São Paulo, 1957.
- OBERACKER (Karl Heinrich). — **Der deutsche Beitrag zum Aufbau der brasilianischen Nation**. São Paulo, 1955.
- KATZEL (Friedrich). — **Hans Staden**. In: Allgemeine Deutsche Biographie, Vol. 35, pg. 364, Leipzig, 1893.
- SOMMER (Friedrich). — **Hans Staden von Homberg, der Festungskommandant in Bertioga**. In: Deutsche Charakterbilder aus der brasilianischen Geschichte. São Leopoldo.
- STADEN (Hans). — **Zwei Reisen nach Brasilien**. São Paulo, 1941.  
Comunicações e cartas dos pesquisadores alemães Wilhelm Winter, Hilmar Milbradt, Wilhelm Hellwig, Karl Meers, Pastor Grimmell e Heinrich Ruppel, que se encontram no Arquivo do Instituto Hans Staden em São Paulo.